



VOZ DA FÁTIMA

Tempo de graça e misericórdia: dar graças por viver em Deus

EDITORIAL

Lugar de ação de graças

Depois da desolação dos dias sem peregrinos, o Santuário conta agora, de novo, com a crescente presença daqueles que, não tendo podido peregrinar anteriormente por causa da pandemia, querem agora vir agradecer a Deus, que não abandona os seus filhos nos momentos difíceis, e pedir a ajuda e proteção de Nossa Senhora para a atual situação, com as suas dificuldades, incertezas e angústias.

Pe. Carlos Cabecinhas

Ao anunciar, com dor, que este ano não seria possível a peregrinação de 12 e 13 de maio com a presença de peregrinos, o Cardeal D. António Marto dizia: “Não poderemos peregrinar a Fátima em maio, mas poderemos fazê-lo noutra altura. Aliás, devemos e queremos fazê-lo noutra altura, em ação de graças. Esperamos que esse dia não demore muito”. É isso que vemos, agora, no Santuário: a presença numerosa de peregrinos que vêm em ação de graças.

Impressiona a quantidade de pessoas que querem acender as suas velas, que ficam na Capelinha, em oração, ou que vêm participar na celebração da Eucaristia, que é por definição “ação de graças”. Estes peregrinos vêm para manifestar a sua gratidão a Deus que, por intermédio de Nossa Senhora, lhes deu forças para enfrentarem estes tempos difíceis, que protegeu os seus entes queridos; vêm para pedir proteção e para se confiarem ao cuidado materno de Maria.

Os santuários cristãos são lugares por excelência de ação de graças. Vimos ao Santuário para agradecer, conscientes de que Deus continuamente se faz presente nas nossas vidas; para louvar o Senhor por tudo o que nos vai concedendo, por intercessão de Maria. E o louvar e a ação de graças conduzem à súplica, à prece para que Deus continue a conduzir os nossos caminhos e a ajudar-nos nas nossas dificuldades. Foi assim, aqui em Fátima, já desde o tempo das aparições. Como conta a Irmã Lúcia, na aparição de setembro já eram muitas as pessoas que enchiam os caminhos e que apresentavam aos pastorinhos as suas súplicas pelas suas necessidades, para que intercedessem junto de Nossa Senhora. Ontem como hoje, os peregrinos vêm em atitude de ação de graças, mas não deixam de apresentar os seus pedidos, certos de que serão atendidos, conforme a promessa de Jesus: “Pedi e dar-se-vos-á” (Mt 7, 7).

É significativo que os documentos da Igreja apresentem os santuários cristãos como “escolas de oração” e a oração não é apenas pedir, é sempre também louvar e dar graças. E o Santuário de Fátima é escola de oração, antes de mais, através da sua mensagem e do testemunho dos videntes, os três Pastorinhos, que depois das aparições nos deixaram um impressionante testemunho de oração.

Nos santuários marianos, como o de Fátima, o cântico de louvor de Maria, o Magnificat, é o modelo da nossa ação de graças. Nossa Senhora veio exortar à oração e ensinar-nos a fazermos da nossa vida um permanente cântico de louvor a Deus.

Nestes tempos conturbados e incertos, anima-nos o testemunho de fé de tantos peregrinos que aqui acorrem para darem graças, e rezamos por todas as suas intenções.



Setembro de 1917 marcado pela primeira grande enchente na Cova da Iria

Pela primeira vez a multidão peregrina de Fátima ultrapassou as duas dezenas de milhar, segundo relatos da época.

Carmo Rodeia

O bispo emérito de Santarém, D. Manuel Pelino, presidirá à Peregrinação Internacional Aniversária de setembro, em Fátima, que celebra a quinta aparição de Nossa Senhora aos Pastorinhos e regista, pelo segundo mês consecutivo, a presença de grupos estrangeiros no Santuário.

Nesta aparição, de novo na Cova da Iria, em 13 de setembro de 1917, além de reforçar o pedido de oração do terço, Nossa Senhora anuncia que em outubro virão Nosso Senhor, Nossa Senhora das Dores e do Carmo e S. José com o Menino Jesus, para abençoarem o Mundo: “Continuem a rezar o Terço a Nossa Senhora do Rosário, todos os dias [que abrande ela a guerra], para alcancarem o fim da guerra, [que a guerra está para acabar]. Em Outubro virá também Nosso Senhor, Nossa Senhora das Dores e do Carmo, S. José com o Menino Jesus para abençoarem o Mundo”, relata Lúcia nas suas Memórias replicando, uma vez mais, aqueles que eram os pedidos expressos por Nossa Senhora a cada encontro.

Nesta aparição, que regista a primeira grande multidão – segundo relatos da época deveriam estar entre 20 mil a 30 mil pessoas na Cova da Iria –, há um tema que, embora atravessasse todas as aparições, se torna mais evidente.

No dia 13 de setembro, quando a vidente e os primos Francisco e Jacinta Marto se deslocavam para o

lugar das aparições, várias pessoas se prostravam de joelhos pedindo que apresentassem a Nossa Senhora “as suas necessidades”, refere Lúcia nas suas Memórias: “Outros, não conseguindo chegar junto de nós, chamavam de longe: Pelo amor de Deus! Peçam a Nossa Senhora que me cure meu filho, que é aleijadinho! Outro: – Que me cure o meu, que é cego! Que me traga o meu marido (da guerra)... Ali apareciam todas as misérias da pobre humanidade”, relata ainda a vidente de Fátima. “Têm-me pedido para Lhe pedir muitas coisas: a cura de alguns doentes, dum surdo-mudo..., ao que a Senhora do Rosário respondeu: – Alguns curarei, outros não, [porque Nosso Senhor não quer crer neles]. Em Outubro farei o milagre para que todos acreditem”, conclui o relato de Lúcia.

As curas, que partem sempre dos pedidos do povo aos videntes, e os milagres de Fátima, na sua maioria, obedecem a uma tipologia simultaneamente de fé e de ciência médica, atravessando todas as aparições e a própria história de Fátima.

Logo em junho, depois de perguntar à Senhora “o que é que Vossmecê me quer”, Lúcia pede imediatamente a cura de um doente. Mas o que a Senhora responde sempre a este pedido, de acordo com os relatos da própria Lúcia, é que ela e os primos rezem o terço todos os dias, para obter a paz no mundo e

o fim da guerra, os sacrifícios pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o seu Coração Imaculado, e que não ofendam mais a Deus. Os pedidos de cura sendo importantes e atendíveis por Nossa Senhora não serão porventura o foco imediato da sua atenção, como refere Joaquim Carreira das Neves na Enciclopédia de Fátima: “Ela está atenta aos pedidos, mas responde como que à pressa (por vezes de forma seca), passando imediatamente para o essencial da mensagem” ditado pela “oração, sacrifício e arrependimento, refere o teólogo.

O programa desta Peregrinação Internacional Aniversária, a quarta que contará com peregrinos desde o fim do confinamento, mantém-se idêntico, isto é, começa no dia 12, às 21h30, com a recitação do terço na Capelinha das Aparições, seguida da procissão das velas e, depois, da celebração da palavra no altar do recinto de oração.

No dia 13, às 9h00, terá lugar o terço e depois a missa com a bênção do Santíssimo e terminará com a procissão do adeus.

É de referir que no ano passado nesta peregrinação fizeram-se anunciar no Santuário de Fátima 570 grupos, 407 dos quais estrangeiros, num total de mais de 172 mil peregrinos, entre portugueses e estrangeiros, que se inscreveram nos serviços do Santuário.

Anúncios publicitários chegaram à

“Era uma vez lindos bebês Nestlé”. Assim poderia começar esta reportagem sobre a presença de publicidade na Voz da Fátima, o jornal do Santuário que durante 20 anos fez eco das mais nutritivas papas e suplementos para bebês e mães carinhosas, a par de empresas de construção civil, artigos religiosos ou promoção turística. A publicidade, com conta peso e medida, nas últimas páginas do jornal ajudavam certamente a equilibrar receitas numa publicação que sempre foi gratuita e chegou a ter uma tiragem superior a 188 mil exemplares.

Carmo Rodeia

A Voz da Fátima é o mais antigo projeto de comunicação do Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, constituindo-se como o seu órgão oficial de informação e formação. O primeiro número do jornal data de 13 de outubro de 1922 e, 12 anos depois, ao contrário de muitas outras rubricas que surgiram imediatamente no jornal, esta publicação passa a conter publicidade comercial.

Entre outubro de 1934 e agosto de 1954, os anúncios eram presença constante nas últimas duas páginas da Voz da Fátima.

Embora o espaço ocupado por anúncios não seja propriamente muito expressivo, a verdade é que, entre outubro de 1934 e agosto de 1954, os anúncios eram presença constante nas últimas duas páginas do jornal, ocupando geralmente a parte inferior da página e raramente mais do que o espaço correspondente às linhas de uma coluna, o equivalente a dois parágrafos de texto.

Com uma tiragem que chegou a ser superior a 188 mil exemplares, o jornal era certamente um espaço apetecível para os comerciantes e consequentemente anunciantes. E, se numa primeira fase, os anunciantes eram, sobretudo, empresas locais, rapidamente se percebe que esta publicação se tornou igualmen-

GRANDE CONCURSO DE BÉBÉS NESTLÉ
JULHO - DEZEMBRO 1935

300 PREMIOS NO VALOR DE ESC. 15.000\$00

1º PREMIO	ESC. 5.000\$00
2º " "	" 1.500\$00
3º " "	" 500\$00
4º " "	" 300\$00
5º " "	" 200\$00

5 PREMIOS ESC. 7.500\$00 EM DINHEIRO

200 DIPLOMAS D' HONRA

300 PREMIOS NO VALOR DE ESC. 15.000\$00

5 PREMIOS A ESC 250	- 1.250\$00
5 " " " 200	- 1.000\$00
5 " " " 150	- 750\$00
10 " " " 100	- 1.000\$00
70 " " " 50	- 3.500\$00

95 PREMIOS ESC. 7.500\$00 EM CHOCOLATES

CONDICÕES do CONCURSO

Qual será o mais lindo bebé Nestlé

QUESTIONÁRIO
(a preencher, assinar e enviar juntamente com 5 rótulos de produtos Nestlé e a fotografia do bebé à SOCIEDADE DE PRODUTOS LACTEOS, R. Ivens, 11-13 - LISBOA).

LEGENDA

te importante para empresas nacionais e até internacionais como é o caso da extinta Pan America que, através da sua empresa no Brasil – a Panair Brasil – anunciava neste jornal as ofertas

de peregrinações que tinha para outros santuários e outros locais de peregrinação como é o caso de viagens para Roma.

Outra empresa internacional muito presente no jornal, ao longo das 225 edições em que se deteta a presença de anúncios publicitários, a Nestlé, a par da Johnson, é uma presença assídua, com a publicação de con-

ursos dirigidos às mães peregrinas que se deslocavam a Fátima. Aliás, estas duas empresas, dos anúncios consultados, são as que tendencialmente registam sempre o espaço maior ocupado pela publicidade que, no entanto, nunca se aproxima sequer das dimensões que verificamos na imprensa dita generalista da época.

Há, aliás, uma clara consciência no jornal sobre a dimensão de cada um dos assuntos tratados. Logo no segundo número, em novembro de 1922, o diretor anuncia que o jornal passa a ter a partir daquela data uma rubrica dedicada às curas e milagres: “Abrimos neste segundo número da Voz da Fátima uma nova secção subordinada à epigraphe ‘As curas de Fátima’, em que todos os meses iremos publicando dentro dos limites compatíveis com a estreiteza do jornal, a descrição de curas interessantes de que temos conhecimento e de outras que os nossos presados leitores se dignarem comunicar-nos,

desejando que o façam sempre com a maior somma possível de esclarecimentos, pormenores e indicações uteis para o estudo consciencioso do facto respectivo”.

Esta noção de espaço, num assunto tão importante e delicado para o jornal, norteou certamente também a perceção conscienciosa do espaço a ocupar por outros assuntos como os que se prendem com a publicidade co-

Os anúncios em geral são curtos e muito datados, verificando-se uma presença diversificada ao nível dos conteúdos.

Fotografias naturais e cheias de vida...

VERICHROME — Película exclusivamente fabricada pela Companhia Kodak — caracteriza-se por uma extraordinária latitude de exposição. Uma dupla camada de emulsões especiais é aplicada sobre esta Película: uma emulsão impede a falta de exposição à luz fraca, a outra o excesso de exposição à luz forte. E' portanto uma garantia, usar

«VERICHROME»
(Película de Kodak)

As Películas Kodak assim como todos os artigos Kodak, só se encontram à venda nas boas casas de artigos fotográficos do mundo inteiro.

Kodak Ltd.-33, Rua Garrett-Lisboa

Com uma tiragem que chegou a ser superior a 188 mil exemplares, a Voz da Fátima era certamente um espaço apetecível para os comerciantes e consequentemente anunciantes.

*! Não coma tanta carne!
As apetitosas Sardinhas de Conserva, alimentam muito mais e custam muito menos.*

Com pão e manteiga é o melhor petisco que há.

A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 60.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
Isento de registo na E.R.C. ao abrigo do decreto regulamentar 8/99 de 09 de junho – alínea a) do n.º 1 do Artigo 12.º

Redação e Administração

Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone 249 539 600 – Fax 249 539 605
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redação: comunicacao@fatima.pt
www.fatima.pt

Composição e Impressão

Empresa do Diário do Minho, Lda.
Rua de Santa Margarida, 4A | 4710-306 Braga

Assinatura Gratuita

Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL

*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima (Morada do Santuário, com indicação “Para VF - Voz da Fátima”)
Não usar para pagamento de quotas do MMF

Voz da Fátima antes da cor



mercial.

Os anúncios em geral são curtos e muito datados, verificando-se uma presença diversificada ao nível dos conteúdos. Se é possível identificar uma tendência para assuntos ligados à maternidade e às mulheres, porventura percebendo-se que este grupo seria a esmagadora maioria dos leitores do jornal, a verdade é que também neste período é possível encontrar anúncios a empresas de construção, seguros e outros serviços, com forte preponderância local, sobretudo, no que respeita às edições dos meses de maio e de outubro, em que o jornal tinha sempre uma tiragem mais expressiva, talvez para distribuição nos próprios espaços do Santuário de Fátima.

São frequentes nessas edições os anúncios à Cimenteira do Liz – “Cimento Liz- empresa de cimentos de Leiria, com agências em todo o país” – ou à Companhia Velha, Fábrica de Tecidos de Seda, do Porto. Também nesta altura surgiam anúncios mais localizados ainda como o da “Drogaria de Adelino Costa”. A par destes anúncios, e nas primeiras edições da década de 50, começam a existir reclamares a casas de artigos religiosos, havendo aqui uma coincidência com o início das viagens da Virgem Peregrina de Fátima e, conseqüentemente, uma maior presença da escultura junto de comunidades inteiras, ao ponto de se ter considerado uma oportunidade de negócio.

Os anúncios mais recorrentes são, sem dúvida, os destinados ao género feminino e muito centrados no papel das mulheres

No ano de 1954, quando se dá a introdução da cor no jornal, primeiro o azul e depois o vermelho, a publicidade cai a partir da edição de agosto.

desde a dona de casa, à mulher de família, mãe, mas também a mulher como ícone de beleza. É de referir que as mensagens desta publicidade comercial tinham presente um intuito quase doutrinal acerca dos costumes e modelos virtuosos de vida, muito contextualizados com os valores sociais, culturais e religiosos da época.

Por isso, são frequentes, por exemplo, os anúncios a suplementos vitamínicos para estimular o leite materno e assim potenciar a amamentação dos filhos como o anúncio da “Vitalose” que, além da marca, relatava os efeitos imediatos: “Leite materno – não há nada que o substitua. Todas as mães devem ter orgulho de criar os seus filhos ao próprio seio. Vitalose produz uma rápida abundância de leite, mesmo quando este tenha faltado por completo. Gôsto esplendido. À venda nas boas farmácias” (VF, agosto de 1942). Ou, ainda, o anúncio relativo a tintas para o cabelo – Blondex ou brunitex –, um champô que acrescentava as “tonalidades de cor radiosa, lustrosa e natural ao cabelo” das “senhoras de bem” (VF janeiro de

1952).

No ano de 1954, quando se dá a introdução da cor no jornal, primeiro o azul e depois o ver-

Hoje, a dois anos de cumprir o seu centenário, a publicação do Santuário de Fátima regista uma tiragem de cerca de 60 mil exemplares.

melho, a publicidade cai a partir da edição de agosto. Junho de 1954 é, assim, o último mês em que o jornal Voz da Fátima regista anúncios publicitários, pelo menos com caráter periódico.

É bom de ver que a publicidade no sentido mais moderno e comercial ganha força com a produção de produtos em massa que precisam de ser vendidos e, por isso, anunciados. Só no início do século XX é que esta estratégia de venda de produtos passa pela utilização dos meios de comunicação de massa e a Voz da Fátima, sendo um jornal da Igreja, mas com grande tiragem, satisfaz estes requisitos. Por outro lado, e embora não existam no jornal dados concretos e precisos sobre o retorno financeiro destes anúncios, na verdade eles podem ter significado uma importante fonte de financiamento para a publicação.

Historicamente, a crise da imprensa católica dá-se no momento em que há uma perda gradual de receitas publicitárias e a Voz da Fátima escapa a essa crise porque o Santuário sempre entendeu a publicação como um instrumento de evangelização, na linha dos documentos do magistério.

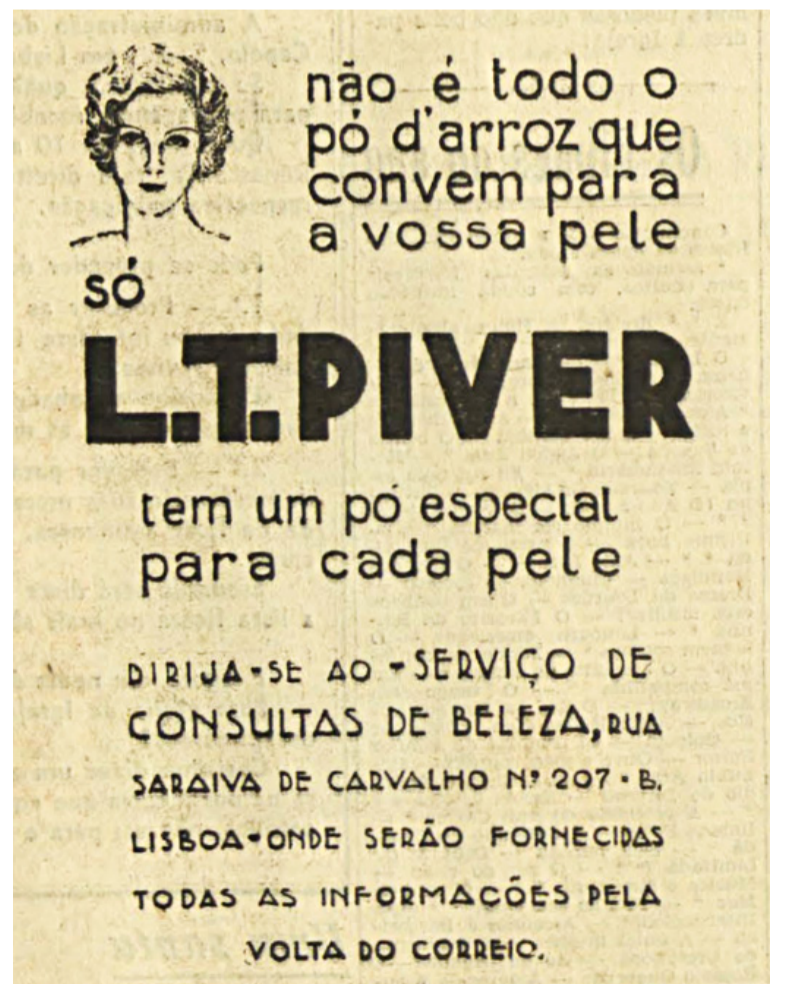
Hoje, a dois anos de cumprir o seu centenário, a publicação do Santuário de Fátima regista uma tiragem de cerca de 60 mil exemplares e tem-se afirmado como um dos mais eficazes meios de aproximação do Santuário de Fátima àqueles que a ele desejam manter-se ligados.



LEGENDA

Nesta linha, a Voz da Fátima foi assumindo um caráter eminentemente informativo, levando ao conhecimento dos seus leitores a dinâmica vital –pastoral, celebrativa e cultural – do Santuário,

procurando igualmente difundir e explicitar a específica mensagem que na Cova da Iria, através de Nossa Senhora e por meio de três pequenos videntes-pastores, Deus comunicou à humanidade.



#FÁTIMA NO SÉCULO XXI

Pe. Manuel Antunes

Entrevista disponível em www.fatima.pt/podcast



“O Santuário é uma antena que liga ao Céu, e há necessidade de esta antena emitir aquilo que o Céu quer para chegar à pessoa”

O assistente do Secretariado Nacional do Movimento da Mensagem de Fátima é o convidado do Podcast #fatimanoseculoXXI. Aos 91 anos, o sacerdote, que é capelão do Santuário de Fátima desde 1976, lembra que o Santuário tem uma missão “de grande responsabilidade” e é, para muitos, o “lugar da cura e da conversão”.

Carmo Rodeia

“A fome e o desejo que as pessoas revelam de vir a Fátima já é algo que chama a atenção para a importância e para a necessidade de Deus. O Santuário de Fátima tem, por isso, uma missão de alta responsabilidade para levar a pessoa a encontrar-se com a Mãe e com o Filho e assim, através da oração, iniciar, pelo menos, o seu processo de conversão”. De rajada, à pergunta sobre o papel do Santuário de Fátima num contexto particularmente difícil, marcado por um certo alheamento de Deus na vida de cada um, o padre Manuel Antunes – 91 anos e quase 70 de sacerdócio – não tem muitas dúvidas sobre a responsabilidade do Santuário e a importância da mensagem de Fátima no acolhimento e no tratamento das feridas da humanidade: “O anúncio da palavra não é fácil porque o mundo está arredio, mas a mensagem de Fátima foi-nos dada para tempos difíceis e agora, que vivemos outras dificuldades, é-nos dada como uma luz e uma esperança” refere. Por isso, o Santuário, que tem por principal missão difundir-la, deve apostar “no acolhimento e na proximidade aos peregrinos”.

“A mensagem de Fátima é um dom para a pessoa, para a família e para o mundo e, sobretudo, para quem sofre”

“Nós que temos por missão acolher não somos santos; temos é de ser servidores dos peregrinos e de Nossa Senhora, promovendo o diálogo sério com todos os que cá vêm para que as pessoas sejam tocadas pela Graça e possam converter-se”, “não em massa, mas cada um converter o seu coração”. Até “pode nem ser imediata mas a semente fica”.

“É preciso que saibamos ligar Nossa Senhora a Jesus e fazer com que os peregrinos conheçam essa ligação e se deixem tocar por ela”, esclarece, sublinhando a “importância do Sacrário”.

“Foi assim que o Anjo fez com os Pastorinhos. Foi este contacto com a Eucaristia que os fez mudar de vida”, lembra ao destacar que esta “é a missão mais importante do Santuário”. “Se a pessoa souber que Jesus está ali, tudo fica mais fácil”.

“O santuário tem uma missão de grande responsabilidade e, apesar de algumas dificuldades materiais que possam existir, o que é normal em tempo de crise, as pessoas procuram no Santuário a paz, o acolhimento e a atenção que não encontram noutros lugares”, adianta ainda. E, recuperando uma expressão de São João Paulo II, o Papa de Fátima, o padre Manuel Antunes reafirma: “o Santuário é uma antena que liga ao Céu e há necessidade de esta antena emitir aquilo que o Céu quer para chegar à pessoa. É uma mensagem do coração para o coração. É isto a mensagem de Fátima”.

“Não podemos entender a mensagem de Fátima sem ser como uma palavra de misericórdia e de esperança. Recorde-se a aparição de Tuy”, adverte.

“Nestes tempos difíceis da pandemia, há que ter esperança mas aproveitar este tempo para uma verdadeira revisão de vida”, acrescenta.

“A mensagem de Fátima é um dom para a pessoa, para a família e para o mundo e, sobretudo, para quem sofre; e nós hoje sofremos muito, sobretudo, sofremos pela ausência de Deus na vida de tanta gente”, lamenta.

Durante a conversa, que pode ser ouvida na íntegra em www.fatima.pt/podcast ou no iTunes e Spotify, o assistente do Secretariado Nacional da Mensagem de Fátima não esconde a importância que tem para si a devoção ao Coração Imaculado de Maria, proposta nas catequeses dos Primeiros Sábados, no programa oficial do Santuário de Fátima, como o caminho e o refúgio que nos conduz a Deus.

“É preciso que a Igreja saiba reafirmar a existência e o primado de Deus” refere ao destacar que “é muito importante ensinarmos a adorar a Deus; depois ensinarmos o valor da penitência, que não é mais do que cumprirmos o dever e a contemplação – a Eucaristia – e, finalmente, a missão. Aqui é que está

o erro: vamos à missão e deixamos para trás o tripé: oração, penitência e contemplação. Escangalhámos tudo, não há apostolado que sobreviva”.

Por isso, conclui, este “querer de Deus” que Nossa Senhora anuncia e reafirma, “como em nenhuma outra aparição privada”, “traduz-se num chamamento a que através do Coração Imaculado de Maria possamos fazer um caminho até Ele”.

“Fátima é uma mensagem de inteligência, mas é sobretudo uma mensagem de coração. Quando privilegiamos o conhecimento, o intelecto em detrimento do coração, não há conversão”

“A mãe tem um carinho especial pelos filhos; Jesus fez uma experiência de filho e, por isso, propõe-nos que façamos a experiência de filhos e nos entreguemos no coração de Maria, no seu colo; e Ela com o amor de Mãe conduzir-nos-á até Deus. No caminho aparecem contrariedades e Ela lá estará para nos ajudar a vencê-las”.

“Não quero condenar nem fazer juízos de valor, mas hoje vivemos numa sociedade que privilegia a cultura da inteligência ao invés da cultura do coração. E, para que o caminho seja seguro, estas duas vertentes têm de ser paralelas. Ninguém pode crescer só na inteligência se não tiver coração”, refere ainda. “Fátima é uma mensagem de inteligência, mas é sobretudo uma mensagem de coração. Quando privilegiamos o conhecimento, o intelecto em detrimento do coração, não há conversão. Veja esta pandemia, que foi e está a ser uma grande lição para o mundo. Pensávamos que dominávamos a técnica e, por isso, nada nos abalaria. Veja onde e como estamos”, interpela.

“A Igreja tem de saber aproveitar esta oportunidade” conclui.

PROTAGONISTAS DE FÁTIMA

Gerardus Samuel van Krieken (1864-1933)



A Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, com a sua torre sineira, é uma das imagens de marca do Santuário de Fátima. A sua traça foi esboçada pela mão de Gerardus Samuel van Krieken, um arquiteto holandês e professor de desenho que escolheu Portugal para viver.

Diogo Carvalho Alves | Texto redigido a partir da Enciclopédia de Fátima e da página do Santuário de Fátima

Pela documentação existente, terá sido pela estreita ligação entre os viscondes de São João da Pesqueira e o bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, que o professor da disciplina de Desenho Ornamental da Escola Industrial do Porto, Gerard van Krieken, também responsável pelo projecto do palacete que serviu de residência àquela família portuense, se viu chamado a trabalhar na “obra de Fátima”, expressão pela qual eram designados os trabalhos de construção do Santuário.

A vinda para Portugal deste holandês de Roterdão aconteceu em 1889, concluídos os seus estudos em Genebra, em artes industriais e belas artes. Com o

concurso para professores das escolas industriais portuguesas, foi nomeado para Chaves e transferido para Leiria, dois anos mais tarde, acabando por ir para o Porto, para a Escola Industrial Infante D. Henrique.

De entre as obras que executou durante o tempo que esteve na cidade invicta, destacam-se: a ampliação da Faculdade de Medicina e o vitral no teto da Livraria Lello, naquela cidade, constituído por cinquenta e cinco painéis, assentes numa estrutura de ferro.

Na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima trabalhou até à data da sua morte, em 1933, ano a partir do qual o projeto passou para as mãos do arquite-

to português João Antunes, que assegurou a concretização à letra do plano do seu predecessor.

O traço da Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima insere-se na estética neobarroca. A sua construção teve início a 13 de maio de 1928, dia em que o arcebispo de Évora benzeu a primeira pedra, e a dedicação celebrou-se em 7 de outubro de 1953, um ano antes de lhe ter sido concedido o título de basílica por Pio XII, pelo breve Luce Superna, de 11 de novembro de 1954. O edifício, que é um dos ícones de Fátima, tem 70,5 metros de comprimento e 37 de largura e foi totalmente construído em pedra calcária da região, branco de mar.

A PEÇA DO MÊS



MSF, inv. n.º 2142-OUR.I.1353

Joalheria do Carmo, Lisboa, 1931 (anterior)

Prata fundida, batida, repuxada, recortada e cinzelada; vidro lapidado 26 x 15 x 15,2 cm; 1282,50 g

Candeia da Capelinha das Aparições

O interior da Capelinha das Aparições constituía, desde a primeira hora, um espaço votado ao sagrado, porquanto aí se acolhia a Imagem de Nossa Senhora de Fátima, colocada no nicho da parede norte. Nessas décadas mais antigas, a divina presença era sublinhada por meio de uma candeia disposta sobre coluna de madeira, diante da Imagem ali venerada. Peça produzida na Joalheria do Carmo (Lisboa), o primeiro registo fotográfico do interior da pequena capela, datado de 1931, fixou já a presença deste objeto.

A peça, de estrutura de prata e faces de vidro, mostra base quadrangular ornada por cartelas, concheados e motivos vegetalistas, pontualmente interrompidos por punções circulares. O recetáculo retilíneo revela o interior através de placas de vidro lapidado, exteriormente protegidas por segmentos elípticos cruzados. Numa das faces, o fecho de mola possibilitava o acesso ao depósito de azeite. A saída do fumo permitia-se através do reticulado vazado, sobre o qual estava soldada pequena cadeia, entretanto retirada, onde se fixava aro circular e a pega. A candeia foi substituída por outra de função similar, aplicada junto do sacrário no último quartel do século XX. Integra o espólio do Museu do Santuário de Fátima, tendo incorporado a exposição temporária comemorativa do centenário da Capelinha das Aparições, Capela-Múndi, entre dezembro de 2018 e outubro de 2019.

Museu do Santuário de Fátima

FÁTIMA AO PORMENOR

Os santos da colonata do Santuário de Fátima

Marco Daniel Duarte, Departamento de Estudos do Santuário de Fátima

A colonata do Santuário recebe os peregrinos de Fátima à maneira de dois braços que se abrem e, ao mesmo tempo, delimitam o espaço celebrativo, evocando uma paisagem arquitetónica que tem como expoente máximo, no imaginário católico, São Pedro do Vaticano. Constituída por dois tramos de cada um dos lados da Basílica de Nossa Senhora do Rosário, o seu arquiteto, António Lino, fixou a forma de a mesma ser coroada, pelas diferentes esculturas que são coevas à sua construção (1953) e pelas que, com o passar dos anos (a última data de 1989), viriam a encerrar aquele cenário dos céus de Fátima.

Presidiu à escolha dos santos a figurar na parte central da colonata o facto de serem santos portugueses e, no restante perímetro, de serem nomes do hagiolégio ligados ao culto mariano, nalguns casos patronos de congregações religiosas

cuja identidade é claramente mariana. Veem-se, assim, lendo do interior para o exterior, nos tramos do lado esquerdo do observador, João de Brito, João de Deus, João Bosco e Domingos Sávio, Afonso Maria de Ligório, João Batista de La Salle, Marcelino de Champagnat, Francisco de Sales, Teresa de Jesus. No lado oposto, lendo também do interior dentro para o exterior, encontram-se as figuras de António de Lisboa, Nuno de Santa Maria, Luís Maria Grignon de Montfort, Vicente de Paulo, Simão Stock, Inácio de Loiola, Paulo da Cruz, João da Cruz e Beatriz da Silva.

Os nomes dos santos que as esculturas representam encontram-se, desde o ano de 2010, inscritos nas pilastras que sustentam as peças, auxiliando os peregrinos na interpretação do património que encontram no Santuário de Fátima.





OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

Poucos ainda acreditarão que, apenas há alguns anos, os peregrinos se despediam da Senhora de Fátima, na procissão do adeus, com lenços brancos na mão e não com os agora habituais *smartphones* multicolorados. Mas é hoje sabido que os momentos da nossa vida só se tornam relevantes quando a *selfie* comprova a nossa presença com as cores iluminadas de um ecrã e recolhe os *likes* de amigos que mal conhecemos.

Não sei se ainda confiamos na nossa capacidade interior do espanto. É como se precisássemos da confirmação social de

Quando a *selfie* é *fake news*

Pedro Valinho Gomes é investigador nas áreas da Teologia e da Filosofia

que aquilo que nos mexe interiormente é digno de receber o nosso deslumbre. Infelizmente, é precisamente a alegria do momento que tantas vezes se perde com esta obsessão da *selfie*. Quantas vezes ela redundando na partilha da alegria de um momento que não vivemos de verdade? Não é raro a *selfie* ser *fake news*. Ocupados a guardar o momento na memória do telemóvel, esquecemo-nos de o colecionar no arquivo do coração. É certo que este é um arquivo frágil, que reescreve criativamente cada momento, que esquece, por vezes, os detalhes que queríamos recordar e que recorda, outras vezes, o que ansiávamos esquecer. Faltam-lhe funcionalidades avançadas que

permitam selecionar e editar as imagens e, num clique, oferecer ao mundo os instantes inesquecíveis da nossa vida. Mas este arquivo frágil é o único que nos permite interiorizar esses momentos irreversíveis e partilhá-los não com os traços fidelíssimos da fotografia, mas com o rol de sentimentos e emoções que dão cor à memória através da qual nos partilhamos a nós mesmos.

Talvez esta obsessão de colecionar em galerias virtuais as fotografias que nunca havemos de imprimir, mas que ali pretendem ser como que testemunho da nossa destreza social, seja indício de que abraçamos um jeito de ser que tenta a todo o custo convencer os outros de

que vivemos vidas muito mais interessantes do que aparentemente possam parecer. Talvez nos assuste que a nossa vida efêmera seja demasiado insignificante e aborrecida e assim se justifique que nos seja mais importante arquivar instantes de vida do que vivê-los. Estou convencido de que alguém, um dia, fará o diagnóstico do nosso tempo para concluir que sofremos de uma perturbação obsessiva compulsiva que se chama aprovação ou sucesso.

A verdade é que a aparência esconde o essencial. O presente é sacramento. O aqui e o agora é bênção do abraço de Deus que não precisa de toques de edição, nem de *likes* de aprovação. E talvez não haja exercício mais

simultaneamente difícil e frutífero que o de permanecer no tempo presente, num espanto que precisa do despertar interior, desse lugar inviolável da solidão íntima que me faz presente para Deus e para os outros. Se reaprendermos o sacramento do presente, os nossos olhos verão o que apenas o coração pode guardar. Tinha razão Sherlock Holmes, que observava justamente ao seu caro Watson: «Tu vês, mas não observas». Também Jesus perguntava aos seus discípulos, demasiado ocupados a pensar em alimento quando ele lhes falava da vivência interior: «Vocês têm olhos, mas não veem?» (Mc 8,18).

Se ao menos eu fizesse jejum da *selfie*.



OPINIÃO

Laurinda Alves

Olho à minha volta e vejo cada vez mais mulheres a agir como Maria. Umam tentam conscientemente imitar Nossa Senhora, outras nem sequer sabem que a estão a imitar. Mas estão.

Penso em todas as mães que ficaram privadas de acompanhar os seus filhos doentes neste tempo de pandemia, porque conheço algumas, e sei como está a ser duro o seu quotidiano. Também penso nas mães que perderam os filhos e agora não podem ser abraçadas nem acolhidas como Maria foi, pelos apóstolos e amigos do seu Filho, e choro com elas, por elas.

Tudo o que já seria doloroso em circunstâncias ditas normais, revelou-se particularmente brutal nestes tempos de Covid. Uma mãe enterrar o seu próprio filho praticamente sozinha e voltar do cemitério quase desacompanhada era um cenário impensável até há uns meses atrás. Agora é a realidade real. Uma mãe que perde um filho por doença ou acidente súbito fica privada de tudo o

Nossa Senhora do século XXI

Laurinda Alves é jornalista, escritora, tradutora e professora universitária de Comunicação, Liderança, e Ética

“Penso nas mães que atravessam, ou atravessaram o calvário do internamento dos seus filhos e nas mães a quem os seus filhos morreram neste tempo cru de pandemia.”

que lhe era mais essencial e ainda daquilo que nunca seria capaz de imaginar.

Tenho acompanhado de perto mães que suportam o internamento de filhos sem os poderem visitar, sem poderem estar à cabeceira, sem sequer os poderem consolar com os pequenos mimos de que eles tanto gostam e tanto bem lhes fariam. Mães que são obrigadas a permanecer à distância, a ver através de uma janela, que não podem tocar nem abraçar. Mães que são verdadeiras fortalezas quando estão no mesmo perímetro dos seus filhos, mas desabam a chorar quando eles já não as podem ver.

O distanciamento social e o



Na Palestina, o filho de uma mulher, infectada com COVID-19, trepou à janela do seu quarto, no hospital, para se sentar e vê-la, todas as noites, até ela morrer.

perigo de contágio têm deixado os mais vulneráveis extremamente sozinhos. E tem sido devastador para muitos. Nos lares, onde deixou de haver visitas e onde muitas pessoas morrem absolutamente sós, o dia a dia passou a ser pesado, sombrio, vivido numa opacidade dramática. Nos hospitais, os pais não podem visitar os filhos, nem os filhos visitar os pais. Muito menos os netos podem chegar-se aos seus queridos avós. A bolha de tempo e espaço que se criou em certos lares, instituições e unidades hospitalares é uma realidade que

ultrapassa qualquer ficção.

Penso nas mães que atravessam, ou atravessaram o calvário do internamento dos seus filhos e nas mães a quem os seus filhos morreram neste tempo cru de pandemia. Penso nas que conheço, porque as acompanho de perto e as vejo entre o vazio e o silêncio, as lágrimas e a dor, por vezes sem paz interior e sem capacidade de acreditar que há futuro, mas ao mesmo tempo capazes de encontrar forças para viver cada dia e cada hora, suportando o que é preciso suportar.

Não se queixam e eu fico de

joelhos perante estas mulheres, estas mães coragem, estes monumentos de amor e entrega. Sinto a sua fortaleza interior e vejo-as devastadas, mas com capacidade para permanecerem verticais. De pé, pelos seus filhos. Algumas não são crentes e, por isso, nem sequer sabem que o seu amor e a sua entrega de mães nos devolvem o amor de Maria, nossa Mãe. Mas é assim que as vejo, como Nossa Senhora, a percorrer o calvário com o seu Filho, por Ele. E é a todas estas mães que conheço, mas também às que desconheço, que agradeço o testemunho, o exemplo, a força e a fé.

E porque há imagens que ficam para sempre conosco e jamais poderemos esquecer, quero agradecer também aos filhos destas e outras mulheres, por nunca as abandonarem. Quando a situação é inversa e cabe aos filhos ficarem distantes das suas mães, há sempre forma de contornar a distância. O filho palestiano que subiu pelas paredes do hospital para ficar próximo da sua mãe e a poder acompanhar à janela até ao fim também nos fala de oração, de altar e do amor pela Nossa Mãe.

“Os estrangeiros são uma necessidade e um bem para Portugal”, afirmou o presidente da peregrinação de agosto

D. José Traquina, presidente da Comissão Episcopal da Pastoral Social e Mobilidade Humana, presidiu às celebrações dos dias 12 e 13 de agosto, marcadas pelo acolhimento dos primeiros peregrinos internacionais do ano, que se fizeram anunciar na Cova da Iria depois do desconfinamento.

Carmo Rodeia

D. José Traquina, bispo de Santarém, presidiu à peregrinação internacional aniversária de 12 e 13 de agosto em Fátima, onde apelou ao envolvimento dos cristãos no acolhimento aos migrantes que constituem “uma necessidade e um bem para Portugal”: “Como cristãos, manifestemos capacidade de acolhimento e não cultivemos sentimentos que não correspondem à nossa matriz cristã de fraternidade universal. Os estrangeiros são uma necessidade e um bem para Portugal, não para serem explorados ou maltratados, mas acolhidos e protegidos com a mesma respeitabilidade que desejamos para os portugueses que vivem em qualquer outro país”, disse o presidente da Comissão Episcopal da Pastoral Social e Mobilidade Humana na reflexão que apresentou na Cova da Iria, na noite de 12 de agosto, dirigindo-se aos participantes na Peregrinação Nacional dos Migrantes e dos Refugiados.

O prelado destacou a importância de os estrangeiros serem “informados acerca das nossas regras e hábitos de convivência e de terem as condições para expressarem a sua cultura”.

D. José Traquina lembrou, também, o tempo de pandemia, no qual “foi ressaltado o valor da vida humana, como dom e maior bem”, os migrantes que tiveram “dificuldades acrescidas” e, ainda, a realidade de Cabo Delgado, em Moçambique, onde “existem mais de 250 mil pessoas deslocadas”.

“É urgente que seja encontrada uma solução para travar os combates armados que atingem pessoas inocentes”, referiu.

Nesta noite o andor com a Imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima foi levado por peregrinos voluntários, um deles emigrado em França.

A peregrinação de agosto é marcada sempre pelo calor da diáspora, mas este ano, em virtude da pandemia, a presença de emigrantes foi mais reduzida.

Na segunda alocação que dirigiu aos peregrinos, o prelado de Santarém referiu os “milhões de pobres e refugiados” que fogem, “os migrantes” que são “explorados” e os deslocados à força, dizendo que “todos têm direito” a celebrar a vida.



LEGENDA

“Os homens e mulheres que eram como ovelhas sem pastor são hoje os atuais milhões de pobres em todo o mundo: os milhões de refugiados que têm de fugir, como Jesus, para terem vida; os migrantes que, por desconhecimento das formas legais de emigrar, são explorados por contrabandistas e traficantes; os milhões de pessoas deslocadas forçadamente dentro do seu próprio país, por falta de segurança; todos estes têm direito à festa nupcial”, afirmou.

Na missa do dia 13 de agosto, o bispo de Santarém partiu do relato do Evangelho, que narra o conhecido episódio das bodas de Canã, para afirmar que, sendo a festa um sinal de “alegria comunitária” que “dá sentido à vida humana”, todos têm o direito de participar na festa “convocada por Deus”.

“A festa é a convergência e a celebração comunitária em alegria que dá sentido à vida humana. Sem convívio, sem festa, a vida humana torna-se difícil.

Para muitas pessoas, a Igreja é reconhecida pela dimensão da festa: festas nas etapas da vida cristã ou ao ritmo do calendário litúrgico”, recordou.

D. José Traquina lamentou que a pandemia tenha limitado a convocação de festas e convívios, mas fez notar que a situação “acentuou” a consciência de que grande parte das festas populares tem a sua origem na Igreja e o cancelamento das celebrações fez promover “sinais essenciais”.



O trigo que se transforma em pão no grande banquete da Eucaristia

Na missa internacional do dia 13 de agosto há um gesto característico: a oferta de trigo. Este ano aconteceu pela 80.ª vez, reunindo até ao altar inúmeros peregrinos, de todas as idades que deixaram simbolicamente o trigo para a confeção do pão eucarístico.

Esta tradição celebra-se desde 1940, quando um grupo de jovens da Juventude Agrária Católica, de 17 paróquias da Diocese de Leiria, ofereceu 30 alqueires de trigo destinados ao fabrico de hóstias para consumo no Santuário de Fátima. Hoje abrange peregrinos de todas as dioceses portuguesas e também estrangeiros.

D. António Marto pede orações pelo povo libanês



D. António Marto pediu aos peregrinos presentes para não deixarem de “rezar pela paz” e lembrou o povo libanês e, ainda, “os doentes, falecidos e idosos sozinhos” no contexto da pandemia. “Não deixeis de rezar pela paz no mundo. Ao falar da paz quero lembrar o querido povo, hoje tão martirizado pela guerra, o povo do Líbano, martirizado pela guerra e pela catástrofe que matou e deixou muitas pessoas sem casa. Façamos um momento de silêncio e oração por este povo”, pediu o cardeal de Leiria-Fátima, dirigindo-se aos peregrinos no final da Eucaristia que encerra a peregrinação de agosto ao Santuário de Fátima.

Na saudação o bispo de Leiria-Fátima recordou os bombeiros, “soldados da paz”, que “têm andado nas linhas da frente a apagar os incêndios”: “Quero lembrar os que ficaram feridos, os que faleceram, um da minha diocese, aos pais a quem endereço as minhas condolências, e as vítimas dos incêndios. Que Deus lhes dê fortaleza de alma para seguirem em frente”.

D. António Marto afirmou ser “sempre bela” a peregrinação de agosto ao Santuário, “mesmo sem a multidão dos anos anteriores”, sobretudo “pela característica particular de ser dedicada a todos os migrantes, a todos os irmãos e irmãs portugueses que trabalham no estrangeiro e passam férias em Portugal ou aos estrangeiros que trabalham em Portugal e que hoje representam vários povos, culturas e raças irmanados na mesma fé e amor, formando uma só família, para além de todas as diferenças”, referiu.



Peregrino pelo Coração

Em jeito de preparação, o Santuário voltou a lançar o desafio de uma peregrinação virtual, propondo um caminho interior ao encontro do santuário que há no coração de cada um e que permite sentir a presença de Deus. Mesmo havendo, neste agosto, a possibilidade de vir ao Santuário, o Departamento de Pastoral da Mensagem de Fátima desafiou os peregrinos a percorrerem oito passos, com meditações centradas no relato da quarta Aparição de Nossa Senhora. A peregrinação virtual está disponível em www.fatima.pt/pt/pages/peregrino-pelo-coracao-agosto e pode ser feita em qualquer momento.

Levar a Mensagem em tempo de confinamento

Secretariado Diocesano do MMF de Setúbal

A comunidade cristã e o Movimento da Mensagem de Fátima, em especial, foram colocados perante desafios inesperados por causa da pandemia. Como poderíamos levar a mensagem em tempo de confinamento? Como chegar aos que sofrem na solidão das suas casas, aos doentes internados nos hospitais e privados das visitas dos familiares, e aos próprios familiares que sofrem por não poderem amparar os seus entes queridos?

Que caminho seguir, Senhor?

Em oração, durante este ano de 2020, colocámos o nosso olhar nos testemunhos do Santo João Paulo II (comemoração do seu nascimento) e da Santa Jacinta Marto (memória do seu falecimento).

Leva tempo a dar sentido ao próprio sofrimento, que só pode ser



resolvido olhando para o Crucificado que não responde diretamente, mas que gradualmente torna claro aquilo a que S. João Paulo II chama de vocação: “Cristo não explica em abstrato as razões do sofrimento, mas perante tudo o resto diz: Segue-me! Vem! Participa através do teu sofrimento no trabalho de salvar o mundo, uma salvação alcançada através do Meu sofrimento! Através da minha Cruz!”.

Contemplemos o testemunho de S. João Paulo II, a sua consagração a Nossa Senhora, o Totus Tuus, Maria, a sua entrega total e incondicional a Cristo, todo o seu sofrimento nas mãos de Deus... até ao fim... Não temia, confiava no Bom Pastor.

Contemplemos também a pastora Santa Jacinta, num contexto

de pandemia semelhante ao nosso, que, quando visitada por Nossa Senhora, nunca mais voltou ao mesmo caminho. Queria reparar os pecados do mundo e oferecer a Deus todo o seu sofrimento na doença e na solidão. Em 20 de fevereiro de 1920, Santa Jacinta faleceu sozinha no Hospital Dona Estefânia em Lisboa, alguns dias depois de uma operação às costelas, sem anestesia: “Fiquei impressionado com esta menina, qualquer outra criança teria gritado ou esperneado, ela só disse ‘Ai meu Jesus, ai minha Nossa Senhora’” disse o médico que a operou.

Que caminho seguir, Senhor? Oração. Caminhemos com Ele, que deu a Vida por nós, na busca da Santidade. Deus é Amor e Misericórdia!

Exaltação do Crucificado

Pe. Dário Pedrosa

São João Apóstolo, o que afirma que era o discípulo amado por Jesus, o que reclinou a cabeça no peito do Mestre na Última Ceia, Aquele a quem Jesus, antes de morrer, entregou sua Mãe, é o místico que está de pé junto da Cruz, aquele que intuiu o valor do sofrimento, da morte da cruz como exaltação, do coração aberto. E na tradição longa da Igreja, os mais amigos, os que vivem uma densidade mística do amor percebem melhor o valor da cruz redentora. Por isso, revivem as palavras de S. Paulo: “o resto é lixo, a não ser Cristo e Esse crucificado”, e como o Apóstolo desejam estar crucificados para o mundo e o mundo crucificado para eles. Outro místico, Francisco de Assis, passava noites inteiras diante do Crucificado clamando: “Meu Senhor e meu Deus”. E Jesus, despregando um dos seus braços, abraçou o seu amigo e confidente íntimo Francisco, o pobre de Assis. E mais tarde, Catarina de Sena, que viveu uma particular paixão pelos

sofrimentos do Crucificado, e da Igreja sua Esposa dilacerada e desunida, que desejava uma

identificação plena com Jesus, clama: “ou fogo ou sangue”, tal era o seu amor pelo Esposo Crucificado.

Contemplar o Crucificado

Celebrar a Festa da Exaltação da Santa Cruz, no dia 14 de Setembro, é convite de Deus a contemplar o Crucificado para intuir as loucuras apaixonantes do amor, do Bom Pastor que dá a vida pelas ovelhas no extremo do amor e da dor, do Cordeiro oferecido como vítima, do Bom Samaritano que derrama o seu sangue para curar as nossas doenças e perdoar os nossos pecados: contemplar para agradecer tão grande amor; contemplar para reparar os nossos

pecados e os do mundo; contemplar para ir aprendendo com Ele a ser vítima oferecida para que o

mundo tenha vida e vida em abundância; contemplar para se deixar mergulhar no sangue redentor; contemplar para ser, como Jesus, cordeiro imolado para colaborar na redenção; contemplar para pedir a graça de nos meter nas suas chagas divinas; contemplar para suplicar para o mundo misericórdia e graça; contemplar para que esse mistério de amor do Crucificado seja a nossa escola de vida.

Curados nas suas chagas

Se é verdade que o mistério do pecado e da dor, da morte e do sofrimento está presente em todo o mundo, às vezes até de um modo criminoso e impensável, não é menos verdade que será nas chagas do Crucificado que seremos

curados, que só o seu amor louco e apaixonado nos pode curar, salvar, converter. Só o seu sangue, que tem valor infinito, poderá ser salvação e graça. Mas a nossa colaboração, modesta e simples, mas amorosa e audaciosa, deve ser contributo especial para consolar a Deus e ajudar a conversão do mundo. O conteúdo da mensagem de Fátima, quer nas aparições do Anjo quer nas de Nossa Senhora, convida-nos a esta aventura cristã. Olhando o Crucificado com Maria, a Mãe das Dores, teremos mais coragem, mais audácia, mais determinação para amarmos o mundo, os pecadores e sofreremos com eles e por eles, pois a paixão de Cristo continua, o pecado está instalado no coração do mundo, mas o amor salvífico quer servir-se de nós para sermos colaboradores dedicados na obra da redenção. Foi por isso que os pastorinhos tiveram o convite: “Quereis oferecer-vos a Deus?”, e aprenderam a pequena oração: “Ó Jesus, é por vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação dos pecados cometidos contra o Coração

Imaculado de Maria”. Foi nesta lógica de colaboração amorosa na salvação que foram convidados a rezar e a fazerem penitência, pois “vão muitas almas para o Inferno por não haver quem reze e se sacrifique por elas”. Ou, ainda, aquele outro pedido da Mãe: “Não ofendam mais a Deus, Nosso Senhor, que já está muito ofendido”. Os batizados, identificados com Jesus, pela consagração do batismo, têm vocação de redenção, de ressurreição, de vida nova. São sacerdotes com Ele para ajudarem a santificar o mundo. São vítimas, hóstias vivas, oferenda permanente para que o mundo tenha vida e vida em abundância. São estes os sonhos divinos de Deus no seu amor infinito. São estes desejos insondáveis do Coração de Cristo aberto para continuar a derramar torrentes de misericórdia e de graça. São estes os gemidos do Espírito Santo que quer santidade e paz no coração de todos e na vida do mundo. Daí os apelos de Maria, a Senhora e Mãe, na Cova da Iria. Crucificados com Cristo para colaborarmos na redenção.

“Olhando o Crucificado com Maria, a Mãe das Dores, teremos mais coragem, mais audácia, mais determinação...”

O testemunho de quem viveu de perto a Aparição nos Valinhos

Manuel Arouca | Responsável pelos Meios de Comunicação do MMF

Em 1999 entrevistei o **tio João Marto** para um documentário. Foi pouco tempo antes de ele morrer. O tio João era daquelas pessoas que falava com os olhos: tanto sorriam como eram alagados pelas lágrimas. Em tempos de pandemia, o tio João também teve a COVID da época e os seus olhos sorriram ao contar esse episódio: “Estava doente na cama... ali era a cozinha, o pão, a broa, qualquer coisa para comer, estava deitado do outro lado, estava cheio de fome, pedi à minha mãe que me desse de comer. Dá-me de comer. Não podes comer, tens febre, não podes comer. Tinha muita fome. Lá palpitei que ela tinha saído da porta para fora. Levantei-me da cama, cheguei lá à mesa, onde estava a tal broa e as sardinhas, e fui para a cama comer aquilo sem a minha mãe saber, não morri por causa disso”. Pelo contrário curou-se. Foi a primeira leva da febre espanhola. Mas as lágrimas enevoam-lhe os olhos quando relata uma situação com a Jacinta: “A Jacinta esteve no Hospital em Vila Nova de Ourém, dois meses, parece, e tinha um buraco aqui no peito, deitava muito pus. Tinha um daqueles púcaros, que se põe nos pinheiros para a resina, para apanhar o pus, chegou quase e enchê-lo de pus e não se queixava. Via aquilo e não fazia

caso, só mais tarde é que fiquei a pensar que dores é que ela não devia ter”.

Um relato daqueles dias

Mas através do tio João regressemos a 13 de agosto de 1917. Antes, uma pequena descrição dos irmãos pela boca do tio João: “O Francisco não era muito falador, era um pouco calmo. A Jacinta era mais faladora, mais amiga de brincar, de bailar... No dia 13 de maio, andavam lá com os rebanhos, tinham visto Nossa Senhora naquela azinheira que lá estava, para não dizer nada a ninguém, a Jacinta não se susteve, chegou a casa e disse que tinha visto Nossa Senhora na Cova da Iria – ‘És uma boa santa para ver Nossa Senhora’ – Mas eu vi-a, era muito linda e tinha as mãos assim... Depois das aparições o Francisco dizia: ‘nós daqui para a frente temos que rezar o terço como deve ser... Avé Maria cheia de graça até ao fim...’ O Francisco andava sempre com o terço na mão a rezar”.

“O administrador era muito mau, muito contra a Igreja. Naquele dia 13 de agosto apareceu lá em casa a prontificar-se que levava a Jacinta, a Lúcia e o Francisco lá para a Cova da Iria. Apanhou-os num carro de cavalos



João Marto, irmão de Jacinta e Francisco, esteve com os Pastorinhos e Lúcia nos Valinhos, em Agosto de 1917.

daquele tempo. Pensava ele que se eles não estivessem aqui isto acabava... O povo dizia ao meu pai: ‘vai lá a Ourém, para ires buscar as crianças...’, e o meu pai dizia: ‘Eu!... Provavelmente para ele me meter na cadeia!’ ‘Não vou, não!... Ninguém foi... Quando eles estavam presos, havia

um homem que dizia para eles: ‘digan lá o segredo ao administrador. A Senhora quer lá saber’. A Jacinta dizia: ‘prefiro morrer...’ No dia 15, o administrador veio trazê-los a Fátima, à sede da freguesia. Naquele tempo só havia uma missa; apresentou-se lá quando o povo estava

a sair da missa. Ia entregar as crianças aos pais. No Concelho todo só se falava que o administrador tinha prendido as crianças, mais assim, mais assado. Quando começaram a ver o administrador, numa varanda que ainda lá está: ‘Olha acolá o administrador, olha acolá o administrador’. Não havia nenhum que não usasse pau, um cacete. Cercaram a casa. Se as crianças em Vila Nova de Ourém tiveram medo, ele ali não teve menos, quando viu tanto pau no ar. O meu pai pediu que ase calmassem e não lhe fizeram mal, pois lá estava Deus para o castigar. Abalou para casa a pau enxuto”.

A quarta Aparição

E com os olhos a sorrir narrou-me do seu ponto de vista como foi a 4.ª aparição nos Valinhos naquele 19 de agosto: “A Lúcia pediu-me para eu ir chamar a Jacinta e eu não queria ir, ‘vai’, ‘não vou’. ‘Vai que eu te dou dois vinténs’. Meti no bolso. Fui a correr chamar a Jacinta para lá. Viraram-se para lá para uma carrasqueira, para uma azinheira que estava para lá e a Lúcia falava e eu não percebia o que ela estava para lá a dizer... Diziam que tinham visto Nossa Senhora, eu não vi, pensava que eles também não”.

Dum coração novo nasce um homem novo

Pe. Manuel Antunes

Nicodemos, homem bem considerado entre os judeus, foi ter com Jesus, de noite, e disse-Lhe: “Mestre, sabemos que vieste de Deus, pois ninguém pode fazer os milagres que fazes”. E Jesus respondeu-lhe: ‘Em verdade, em verdade, te digo quem não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus’” (Jo 3, 1-4). A certa altura, Nicodemos compreendeu o que Jesus lhe queria dizer e concluiu que para nascer de novo era necessário adquirir um coração novo.

Sem o Reino de Deus não há corações novos.

João Batista, nas margens do rio Jordão, pregou: “Arrependei-vos porque está próximo o Reino de Deus” (Mt 3, 1-4).

E Jesus, ao ensinar os Seus discípulos a rezar, disse: “Venha a nós o Vosso Reino, seja feita a Vossa vontade assim na terra como no Céu”.

O Reino de Deus é a melhor herança que o homem e a mulher podem adquirir neste mundo. Ele é verdade, amor, justiça, bondade e paz. Com ele, o homem é feliz e o mundo terá paz. Nenhum coração

como o de Maria possuiu o Reino de Deus. Eis a razão por que Ela disse, na aparição de 13 de julho de 1917: “Se atenderem aos Meus pedidos, muitas almas salvar-se-ão e o mundo terá paz”.

Sem corações puros não há vidas novas.

Jesus ensinou na montanha das Bem-Aventuranças: Felizes os puros de coração porque verão a Deus (Mt 5, 8).

Do coração procedem os maus pensamentos, os assassinios, os adultérios, as prostituições, os roubos, os falsos testemunhos e as blasfémias. Eis o que torna o coração impuro (Mt 15, 19-20).

“Eu vos purificarei de todos os vossos deuses e dar-vos-ei um coração novo. Tirarei da vossa carne o coração de pedra e dar-vos-ei um coração de carne. Infundirei em vós o Meu Espírito e farei que vivais segundo os Meus preceitos” (Ez 36, 25-27).

A vida, dom de Deus, deve ser jardim de belas qualidades humanas, morais e espirituais, e não uma selva de hábitos degradantes e humilhantes. Deus quer que seja-



“A nova evangelização da Europa tem de passar pelo coração de cada homem. Há que responder ao pedido da Senhora da Mensagem.”

mos felizes e construamos a cidade dos homens neste mundo criado por Ele, onde todos possam saborear a paz. Eis o motivo por que Jesus dizia a Nicodemos: “É necessário nascer de novo”.

De corações novos nascerá uma Europa nova.

A nova evangelização da Europa tem de passar pelo coração de cada homem. Há que responder ao pedido da Senhora da mensagem: “É preciso que se emendem, peçam perdão dos seus pecados e não ofendam mais a Deus Nosso Senhor, que já está muito ofendido...” (13 de outubro de 1917).

Em 1991, João Paulo II disse aos nossos bispos: “Fátima, lugar de profundos apelos sobrenaturais, não tem porventura um papel a desenvolver nesta nova e necessária evangelização?”.

Em 1917, aqui em Fátima, Nossa Senhora convidava, com materna insistência, a humanidade inteira à conversão... Fátima, absorta na silenciosa escuta de Deus que a caracteriza, continuou a ser um constante ponto de referência e de apelo à vivência do Evangelho.

breves



O cardeal D. António Marto presidiu à Missa da Solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria

no recinto de oração do Santuário de Fátima, no passado dia 15 de agosto, onde apresentou Nossa Senhora e o Mistério que hoje se celebra como “motivo de conforto e consolação na luta entre o bem e o mal”; “beleza do nosso destino glorioso com Deus” e caminho de esperança para a cura de um “mundo enfermo das pandemias sociais do individualismo, da indiferença e da corrupção”.

“O Magnificat é o canto dos que enfrentam a luta da vida, levando no coração a esperança em Deus, que permite pensar a beleza de um mundo diferente, onde todos possamos cuidar uns dos outros e curar o nosso mundo enfermo, não só da pandemia sanitária, mas das pandemias sociais mais amplas: o individualismo, a indiferença e a corrupção, que geram pobreza e exclusão. Maria canta conosco o magnificat da esperança! Não deixemos que nos roubem esta esperança!”, exortou.

No final da celebração, o cardeal D. António Marto deixou uma saudação aos peregrinos presentes, em particular aos grupos internacionais que se fizeram anunciar nos Serviços do Santuário: um grupo alemão, um grupo espanhol e cinco grupos ingleses.



A 19 de agosto, o Santuário evocou a memória da quarta aparição

de Nossa Senhora aos Pastorinhos nos Valinhos. O Pe. Carlos Cabecinhas, reitor do Santuário, presidiu à celebração na Basílica da Santíssima Trindade.

O sacerdote incitou os peregrinos a verem “de que modo as aparições testemunham a imensa bondade de Deus, deixando neste lugar uma mensagem de esperança e um apelo à oração constante e confiante”. A 19 de agosto de 1917, Nossa Senhora apareceu nos Valinhos, a uns 500 metros do lugar de Aljustrel, porque no dia 13 as crianças tinham sido levadas pelo administrador do Concelho, para Vila Nova de Ourém, a fim de serem interrogadas. «Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores, que vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas», disse Nossa Senhora. No rosário desse dia, fez-se memória desta efeméride.



A evocação da queda do Muro de Berlim

foi feita no passado dia 13 de agosto, no final da procissão das velas. A 13 de agosto de 1994 foi inaugurado no Santuário de Fátima, na entrada sul do recinto de oração, o Monumento do Muro de Berlim. Trata-se de um bloco do muro que começou a ser construído naquela cidade alemã na noite de 12 para 13 de agosto de 1961 e que viria a ser demolido a 9 de novembro de 1989. O fragmento pesa 2 600 quilos e mede 3,60 metros de altura e 1,20 metros de largura. Foi oferecido ao Santuário por um português residente na Alemanha.



A segunda visita temática à exposição temporária “Vestida de Branco”

teve como tema: “Singularidades das representações da Virgem Maria nas diferentes épocas históricas” e foi orientada pelo Diretor do Museu do Santuário de Fátima, comissário da exposição, no passado dia 5 de agosto.

Marco Daniel Duarte focou a sua reflexão no primeiro núcleo da exposição, que integra oito esculturas de Nossa Senhora, esculpidas em Portugal e datadas entre o século XVI e a atualidade, que apresentam uma síntese da figuração da Virgem Maria durante aquele período. Neste espaço, são evidenciados os cânones de beleza feminina que os artistas fixaram em cada representação da Virgem Maria.

O historiador explicou a importância deste núcleo que mostra num só espaço “toda uma história da arte que se faz em torno da figura da Virgem Maria, a mais bela das mulheres para os cristãos, e onde temos o cânone da beleza feminino em cada época histórica, uma vez que os artistas vão procurar o cânone que na sua época é considerado o mais belo para representar a tota pulchra”.

FÁTIMA e os PAPAS

“Por Amor do Papa”

O título do editorial da Voz da Fátima da edição de maio de 1942, ano em que as aparições completavam o 25.º aniversário, atesta bem a relação, sempre valorizada desde a primeira hora, entre os papas e Fátima, seja pelo conteúdo da Mensagem, nas alusões ao bispo de branco, seja pelas coincidências de gestos, datas e outras manifestações que colocam o sucessor de Pedro no coração deste Santuário.

Carmo Rodeia

A ligação surge quase como uma questão vocacional, como se o conteúdo da Mensagem ajudasse o Papa a ser Papa. Isso é particularmente visível nos sucessivos agradecimentos à Virgem de Fátima pelo dom da fé e da oração que os Papas, desde Pio XII a Francisco, têm repetido. E não deixa de ser curioso o destaque que os próprios meios de comunicação do Santuário dão a esta relação, como atesta o editorial já referido, escrito por ocasião dos 25 anos da primeira aparição: “Hoje, 13 de Maio, faz 25 anos que foi sagrado Bispo o Actual Sumo Pontífice, o Papa Pio XII. Coincidência curiosa. No mesmo dia em que na Fátima a Virgem Santíssima pela primeira vez aparecia aos três Pastorinhos”, sublinha o editorial.

“Ao Papa deve o mundo o que tem de melhor. A Jacinta, a pequena vidente da Fátima deu-nos um luminoso exemplo desse amor ao Sumo Pontífice. Rezava pelo Papa, sacrificava-se pelo Papa, pensava no Papa e a cada passo irrompia em exclamações com que mostrava todo o seu amor ao vigário de Cristo: Coitadinho do Santo Padre!”, referia, ainda, o editorialista para concluir: “herdeiros do espírito apostólico sacrificado da Jacinta oremos pelo Papa e peçamos a Deus que no-lo conserve, o encha de graças a Nossa Senhora de Fátima por tanto dom que pelas suas mãos carinhosas desceu até nós”.

De facto, Eugénio Pacelli fora ordenado bispo, precisamente, a 13 de maio de 1917, dia da primeira aparição de Nossa Senhora em Fátima. E o editorialista, Manuel Marques dos Santos, à vez diretor, editor e proprietário do Jornal, não deixou de sublinhar esta “feliz” coincidência.

“O dia 13 de Maio há-de, pois, juntar em nós os dois nobilíssimos sentimentos: reconhecimento a Deus pelo Papa que deu à sua Igreja e acção de graças a Nossa Senhora de Fátima por



tanto dom que pelas suas mãos carinhosas desceu até nós”.

Declarações posteriores revelariam que o Papa Pio XII nunca mais deixou de tomar esta coincidência como “sinal de benevo-

lência, ao mesmo tempo divina e mariana, que a Providência lhe oferecia”, como reconhece Monsenhor Luciano Guerra, antigo reitor do Santuário de Fátima e, por inerência do cargo, diretor

do Jornal Voz da Fátima, entre 1973 e 2008.

Fê-lo em 1942, quando enviou um telegrama em que se manifestou encantado pelo culto que os portugueses prestavam a Nossa Senhora na Cova da Iria, e depois em 1950, por ocasião da proclamação do dogma da Assunção da Virgem Maria quando, diante dos participantes na Primeira Peregrinação Nacional de Portugal, afirmou: “Antes de nós anunciarmos ao mundo este Jubileu (o Ano Santo), já o Céu mandara aos homens a sua mensagem de penitência e oração e de santidade de vida na mensagem de Fátima”. Um ano mais tarde,

na Igreja de Santo Eugénio em Roma, diante de uma delegação portuguesa que lhe oferecia uma réplica da Igreja de Santo Eugénio em Lisboa, inaugurada dois dias antes, o Papa Pio XII falava da “providencial coincidência” da sua vida com Fátima, o que constituía para ele um “sinal” de Deus: “Entretanto na montanha de Fátima, à mesma hora anunciava-se a primeira aparição da branca Rainha do Santíssimo Rosário, como se a Mãe piedosíssima nos quisesse significar que nos borrascosos tempos em que decorreria o nosso pontificado, em meio de uma das maiores crises da história mundial, teríamos sempre a envolver-nos, a proteger-nos, a guiar-nos a assistência materna e desvelada da grande vencedora de todas as batalhas de Deus”. É neste longo discurso que refere a expressão Regina Mundi e revela a esperança no triunfo do Coração Imaculado de Maria.

Desde o início até ao final do seu pontificado são inúmeras as referências a Fátima, desde a peregrinação, aos videntes, sem esquecer a Mensagem, os milagres e as curas neste lugar, onde a mensageira do Céu se fez presença.

OPINIÃO

O mundo Em Fátima

Pe. José Nuno Silva
A paz e a liberdade religiosa



“Deus não precisa de ser defendido por ninguém e não quer que o Seu nome seja usado para aterrorizar as pessoas. Peço a todos que parem de instrumentalizar as religiões para incitar ao ódio, à violência, ao extremismo e ao fanatismo cego”.

Estas são palavras do Papa Francisco no dia 22 de Agosto, associando-se ao Dia Internacional das Vítimas dos Atos de Violência baseada na Religião ou Crença, instituído pelas Nações Unidas em 2019.

O tema da perseguição à Igreja e do martírio dos cristãos, constante da terceira parte do segredo de Fátima, pede para ser lido, mais de cem anos depois, nesta perspetiva universalizante que considere todas as formas de violência religiosa nos nossos dias, em que, embora o Cristianismo seja o mais perseguido, tantos outros indivíduos e grupos religiosos são alvo de perseguição em razão da sua fé, vítimas de processos em que muitas vezes se escondem razões ideológicas, políticas e até económicas.

Aliás, para nós, católicos, é imperativo este aprofundamento do significado da aparição de Julho, neste ano em que passam 55 anos da Declaração do Concílio Vaticano II sobre a Liberdade Religiosa *Dignitatis Humanae*, precisamente o documento do Concílio que, nos últimos tempos, tem sido mais contestado por alguns setores da Igreja que, de braço dado com movimentos políticos radicais nacionalistas, se fecham no seu fundamentalismo tradicionalista e recusam o progresso da consciência de si mesma e da sua missão no mundo a que a Igreja chegou no Vaticano II. A mensagem de Fátima, enquanto acontecimento eclesial, não pode deixar de ser lida neste horizonte.

O Pe. José Nuno Silva é capelão do Santuário de Fátima

Vem e segue o teu caminho

Projeto SETE realiza-se pelo terceiro ano consecutivo. Este ano foi redimensionado pelas condições excecionais da pandemia, mas os 14 jovens participantes, alguns deles repetentes, sentem-se gratificados pela experiência. Ajudar nos bastidores foi um desafio.

Carmo Rodeia

O Santuário voltou a propor este ano, pela terceira vez, a um grupo de jovens uma “imersão de voluntariado”, com o seu Projeto SETE que convida a uma “dinâmica de aprofundamento espiritual”.

Neste ano de 2020, decorrendo em contexto de pandemia, o Projeto SETE revestiu-se de algumas particularidades relativamente às edições anteriores: realizou-se apenas um único turno, entre 10 e 16 de agosto, com 14 jovens, aos quais foi proporcionada uma experiência significativa do Santuário de Fátima como lugar de peregrinação e lugar de acolhimento, aos que aqui rumaram nestes dias para celebrarem a quarta aparição de Nossa Senhora e a Solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria. Os jovens puderam participar em várias experiências de acolhimento, de oração e partilha, em diversos espaços – na Cova da Iria, em Aljustrel e nos Valinhos –, como o acolhimento aos peregrinos; o trabalho na Sala de Imprensa; a apoio às celebrações; a ajuda na copa, na lavandaria e nas oficinas, as visitas acompanhadas, entre outras.

“O projeto tem crescido ao longo destes três anos, tem sido adaptado, mas na verdade mantém o essencial, pelo menos para mim, ao a l i -

mentar este bichinho do voluntariado que mais não é do que um desejo permanente de estar disponível para o outro” refere Mariana Vitorino Cruz, 19 anos, natural de Santarém, onde faz voluntariado na Santa Casa da Misericórdia. Esteve em Fátima pelo terceiro ano consecutivo.

“O voluntariado ajuda-me também a crescer na fé procurando dar o melhor de mim em cada serviço ao outro” refere esta “veterana” do projeto SETE que apenas quer continuar a ser voluntária, em Portugal ou “a onde este gosto me levar”.

É também esta a conclusão de Ana Cardoso, de Alcobça, voluntária há pelo menos três anos, tantos quanto os do Projeto: “Eu acho que é o mesmo de sempre: esquecermo-nos de nós e irmos para além de nós. Conforme vou fazendo o voluntariado vou concluindo que viver para nós não vale a pena, porque precisamos uns dos outros, e quem se dispõe para o outro recebe muito mais”, afirma esta jovem a completar 21 anos.

Fazer voluntariado “é uma ajuda pessoal:

nós crescemos; estas experiências fazem-nos crescer, pois focamos-nos no outro e vamos para além de nós” esclarece com a certeza de que o mundo “não começa nem acaba em nós”: “As coisas não são assim, mas na nossa sociedade tenho dúvidas de que isto seja assim tão claro” refere enquanto garante que a disponibilidade é total para o voluntariado, embora dentro de portas.

“Não digo que a aventura não me seduza, mas para quê querer transformar o mundo noutra lugar qualquer quando temos tanto para fazer à porta de casa?”, interpela: “Sinto que não estou preparada para dar esse passo, julgo mesmo que não tenho capacidade”, conclui, citando Santa Teresa de Calcutá: “para amares o mundo tens de amar a tua própria família, isto é, os que nos são próximos, e os próximos são os vizinhos de ao pé da porta”.

Diferente foi a experiência de João Matos da Costa. Veio pela primeira vez a Fátima numa experiência de voluntariado. Já tinha estado na Missão País, um projeto católico para jovens universitários, e em Itália, mas “tudo muito diferente desta experiência”. A pandemia e a impossibilidade de viajar trouxe-o de Lisboa até Fátima: “Para o ano voltarei se conseguir lugar”, garante. “Conheci as pessoas que fazem o Santuário funcionar e, por mais invisível que seja o trabalho, este é muito importante. Fiz trabalhos que nunca tinha feito; fiz coisas diferentes e as atividades espirituais

ajudaram muito. Recordo sobretudo a manhã de Deserto, o silêncio que nunca tinha feito”, salienta.

A procura de um voluntariado que também pudesse ter uma componente mais espiritual foi o que trouxe a Fátima Susana Marques, de Gondomar: “Foi a primeira experiência de voluntariado e levo o coração cheio de emoções, todas muito positivas” recorda. “Levo amigos, um modo diferente de ver o mundo, uma noção clara do que é a solidariedade: num momento em que o mundo está mais negro, sobretudo neste contexto de pandemia, esta experiência mostrou-me que há pessoas incríveis disponíveis para o próximo, a troco de nada”, concluiu.

Hugo Sousa é de Barcelos e esteve em Fátima pelo segundo ano. É dos mais velhos do grupo e destaca a presença como “uma busca da amizade”: “Este é um valor muito caro que se criou neste grupo SETE” afirma lembrando que o contacto manteve-se durante a pandemia.

“As regras deste ano obrigaram a uma reformulação do programa, mas foi muito gratificante” referiu ao salientar a “valorização da pessoa” como uma das grandes aprendizagens desta iniciativa. “Não importa quem somos, de onde vimos, o que fazemos, o acolhimento daquela pessoa é o fundamental”, adianta ainda.

“Gosto de estar em Fátima. Desde pequeno que oiço falar deste lugar, que o visito e que contacto com os pastorinhos. Sou mensa-

geiro de Nossa Senhora” refere, com orgulho, António Rego, natural de Castelo Branco. “O trabalho de retaguarda que fizemos este ano foi fundamental. Não acolhemos peregrinos, mas ajudamos quem garante que tudo está preparado para os acolher e isso foi muito interessante” referiu à Voz da Fátima.

Gonçalo Francisco já parece ser de Fátima. Entre a Cova da Iria e Paredes, onde passa férias, e a sua cidade natal Paris, onde vive, vai a decisão de uma vida. “Este ano vou para o Seminário”, anuncia: “é uma coisa cá de dentro; não pode passar um dia em que eu não sinta que estou ao serviço do meu próximo” refere depois de ter participado no projecto SETE, desde o início, e de ter feito uma incursão na Arche, uma instituição criada em 1964 por Jean Vanier, para auxílio a pessoas com deficiência mental. “No princípio tive muito medo de não ser capaz mas, depois, percebi que era isto” referiu ainda.

Neste grupo participaram ainda os irmãos Rucha, Madalena e Miguel, de Alenquer, João Cruz, Catarina Pinto, Cláudio Santos, Frederico Alberto e Ana Antunes.

O nome SETE dado a este projeto situa-nos no contexto da sétima aparição de Nossa Senhora a Lúcia. Após o bispo de Leiria ter confiado a Lúcia a missão de deixar a Cova da Iria, foi o abraço da Senhora que a confirmou na aceitação confiante dessa mesma missão: “Aqui estou pela sétima vez, vai, segue o caminho...”

AGENDA

setembro

14 seg	EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ – FESTA
15 ter	NOSSA SENHORA DAS DORES – FESTA
19 sáb	MISSA VOTIVA DOS SANTOS FRANCISCO E JACINTA MARTO
21 seg	S. MATEUS, APÓSTOLO E EVANGELISTA – FESTA

outubro

3 sáb	PRIMEIRO SÁBADO
7 qua	VISITA TEMÁTICA Exposição comemorativa do centenário da primeira escultura de Nossa Senhora de Fátima 21h15 Convívium de Santo Agostinho

